

O jornalismo crítico-emancipatório e a cartografia das contradições sociais¹

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

São apresentados os elementos gerais do jornalismo crítico-emancipatório, compreendido como uma forma social de conhecimento cristalizado nos aspectos singulares da objetividade social. De inspiração marxista e dialética, essa práxis noticiosa segue uma cosmovisão ideológica crítica ao sistema de metabolismo social do capital. Um dos critérios principais para a seleção das notícias seria então as relações objetivas dos eventos com a totalidade social concreta.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; marxismo; práxis.

Em tempos de catástrofe geradas pelo capital em crise, a escolha pela mudança ainda possível e necessária é um imperativo de máxima importância e exige conhecermos os processos que estão em desenvolvimento na sociabilidade regida por esse modo de produção, dominando seus processos históricos mais atuais e emergentes, ou melhor, compreender exatamente o quadro compósito dado pelo sistema. Precisamos desse conhecimento para decidirmos nossas ações. O jornalismo de inspiração marxista parece atender essa necessidade revolucionária, quando direcionado a cartografar o mundo presente no sentido de uma emancipação humana possível e necessária.

O jornalismo entendido como modalidade social de conhecimento cristalizado nos aspectos singulares da realidade tem profunda relação com as formas criadas na história da humanidade para compreender a natureza e a si mesma. Diferente da arte (voltada ao particular, expressão de um conhecimento antropomorfizador da realidade) e a ciência (que mira no universal, tratando de aspectos desantropomorfizadores da objetividade social) (Lukács, 2018), o jornalismo surge como um saber que mimetiza os fatos sociais, com ponto de chegada na apresentação social do singular (nunca desconectado da totalidade ampla a que faz parte, a saber, o particular e o universal).

Genro Filho (2012) defende com base em Marx (2011b) que o conhecimento vai do abstrato ao concreto, do singular para o universal, da forma ao conteúdo. O teórico marxista gaúcho afirma que “(...) o relato exige uma forma de conhecimento que, em

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da Ufes, email: rafaelbellan@yahoo.com.br

alguma medida, implica a revelação de sua essência. Ou seja, do significado que emana das suas relações com a totalidade do complexo econômico, social e político onde está situado” (Genro Filho, 2012, p. 46).

O jornalismo consegue atingir seu objetivo de compreender o mundo quando avança para além da aparência reificada dos fatos e consegue investigar as conexões entre o fenômeno e a essência, expondo, sempre a partir do singular, as engrenagens existentes entre os acontecimentos e a história humana em processo, com seus condicionantes materiais e contradições.

Demarca-se, desse modo, a relevância ontológica e epistemológica da práxis noticiosa para a humanidade, em especial neste momento de aprofundamento de uma crise civilizatória, bem documentada nas graves contradições (fundamentais, mutáveis e perigosas) percebidas e detalhadas por Harvey (2016). Para o sujeito produtor da notícia, cobra-se o compromisso “tanto com o futuro ontológico da humanidade quanto a compreensão epistemológica desse processo em forma e conteúdo” (Karam, 1997, p. 49). Essa postura também implica em outra leitura sobre a noticiabilidade, pois, “a notícia recebe maior importância quanto mais estiver vinculada a acontecimentos que signifiquem a transformação da conjuntura histórica” (Pontes, 2015, p. 306).

O jornalismo crítico-emancipatório seria aquele que não se perde na imediatividade do real, mas que investiga as conexões e mediações mais significativas do mundo, apreendendo as possibilidades encravadas nas contradições dadas no contexto histórico. Uma práxis noticiosa que busca “captar as relações entre os fenômenos sociais inscritos em uma totalidade em movimento” (Bensaïd, 2013, p. 160). Esse tipo de conhecimento depende da perspectiva ativa do jornalista, pois ele cobra uma tomada de posição diante dessas possibilidades. Afinal, “(...) a apreensão e reprodução do fato jornalístico podem estar alicerçados na perspectiva de uma cosmovisão oposta e de uma ideologia revolucionária” (Genro Filho, 2012, p. 222).

Um dos critérios principais para a seleção das notícias seria então as relações objetivas dos eventos com a totalidade social concreta. “Então, se o singular é a matéria-prima do jornalismo, a forma pela qual se cristalizam as informações que ele produz, o critério de valor da notícia vai depender, (contraditoriamente) da universalidade que ela expressar. O singular, portanto, é a forma do jornalismo e não o seu conteúdo” (Genro Filho, 2012, p. 80).

Quando a produção noticiosa consegue visualizar conexões que aprofundam a mera apreensão cotidiana fenomênica, escapando da armadilha ideológica da significação meramente funcional da vivência social direta, ela torna-se uma notícia crítica, capaz de apanhar os fatos para além de sua relação automática com a reprodução social capitalista. Trata-se de uma práxis, uma ação materialmente sedimentada, tensão entre subjetividade e objetividade.

Entendendo que as significações do mundo orientam as práticas ideológicas e, assim, os conflitos em andamento na realidade social, vemos que o jornalismo é parte da disputa das representações do mundo, gerando efeitos concretos na processualidade histórica. Ligadas a uma determinada concepção do ser, as representações ontológicas influenciam a práxis social da humanidade e se relacionam às disputas de poder. Uma direção crítica marxista para a reprodução dos fatos jornalísticos circula pela constelação da rejeição ontológica ao modo de existência capitalista, pois, sem ela, não é possível articular figurações de mundo capazes de minimamente abalar essa ordem.

Isso torna-se uma potencialidade histórica ao compreendermos que o jornalista é parte da classe trabalhadora e, portanto, sujeito ativo da luta de classes, mesmo que ainda não o saiba. Dean (2022) analisa que as revoltas mais relevantes da última década foram expressão da luta de classes dos proletarizados do capitalismo comunicativo. Esses, que seriam os trabalhadores do conhecimento, produtores de informação do circuito de exploração digital, enfrentam a situação precária de suas vidas posicionando-se para a rebeldia, ainda que difusa, contra a estrutura social.

Ser parte do movimento da classe trabalhadora, em seus processos de luta, é um imperativo das transformações (objetivas e subjetivas) capazes de potencializar a formulação das mudanças substantivas necessárias. Hirst (2011) afirma que a ideologia do profissionalismo muitas vezes impede os jornalistas de reconhecerem a sua própria localização de classe (como trabalhadores) e, assim, perdem de vista seus reais interesses. O jornalismo crítico-emancipatório é uma práxis noticiosa que coloca tais trabalhadores diante de seu desafio histórico contra a catástrofe capitalista.

Além disso, com a análise da situação concreta (expressa por esse jornalismo) é que se pode movimentar as táticas possíveis dentro de uma estratégia de superação do modo de vida imperante. É um jornalismo que traz a necessária expressão singular dos fenômenos históricos situados substantivamente na práxis humana. Genro Filho (2012) demonstra que a apreensão da realidade mais imediata por uma perspectiva revolucionária

produz uma singularidade que se afasta da relação meramente funcional com a sociedade capitalista. Assim, a notícia crítica pode proporcionar uma quebra da leitura conservadora normalmente atrelada a montagem do senso comum hegemônico, refém de uma significação meramente espontânea do universo social. Isso ganha proporções maiores com o advento de um território digital que favorece em suas infovias a circulação de “fake news”, de boatos e que lucra com a intensidade de afetos como ódio e medo, o que recoloca o papel do jornalismo crítico como uma questão emergencial (Hirst, 2011).

No jornalismo crítico-emancipatório, a orientação ideológica persegue outras figurações de mundo que tendem a ser articuladas à negação da ordem de produção do metabolismo social do capital (sistema inerentemente racista e patriarcal). Mészáros (2004) apresenta a noção de que a ideologia seria a consciência prática inevitável das sociedades classistas, realizando processos de conscientização dos conflitos materialmente fundados e os direcionando para o enfrentamento. O poderio da hegemonia capitalista na definição e hierarquização de modos de vida articula-se às suas estratégias ideológicas, e direciona sua cosmovisão de sustentação do modo de produção do capital nas formas de conhecimento.

Genro Filho (2012) traz esse ponto em sua análise dos pressupostos ideológicos e ontológicos que orientam a práxis noticiosa, criticando a tendência do jornalismo convencional em expressar a imediatividade confirmadora do status quo. Mas ao trazer ontologicamente o tema do conhecimento concreto – que a produção noticiosa também carrega enquanto potência – abre-se a possibilidade de outro jornalismo. Ele pode então se orientar por uma ideologia emancipatória que se ocupa da mudança das condições de existência, “através da qual a estrutura de motivação necessária para a transformação de ‘toda maneira de ser’ dos indivíduos sociais é definida e constantemente redefinida” (Mészáros, 2004, p. 329).

Ligado ao presente histórico, esse trabalho jornalístico de apuração e investigação das múltiplas determinações que definem os fatos como concretos, segue a cosmovisão ideológica emancipatória e também se orienta por uma razão crítica. A consciência dos repórteres orientados pela ideologia emancipatória pode se nortear pela interpretação dialética desse presente, visto em suas processualidades abertas de transformações.

O foco no desmascaramento dos interesses dos agentes e dos grupos sociais de poder envolvidos nas dinâmicas dos fatos; o olhar histórico crítico sobre as causas internas essenciais dos processos sociais, a descrição atenta do território das

conflitualidades em paralelo a compreensão das particularidades que englobam os eventos singulares, inscrevendo os fenômenos em uma totalidade em movimento, são elementos que podem sinalizar o empreendimento crítico emancipatório de práxis noticiosa. A luta de classes torna-se a direção consciente da cartografia do território dos conflitos, entendendo o concreto como resultante de múltiplas determinações que devem ser conhecidas para os enfrentamentos que os subalternos precisam pautar em suas vidas.

O ponto de chegada desse jornalismo, que enuncia o singular em sua forma, faz com que ele se torne conhecimento ao indicar pistas das contradições do metabolismo social. Realista, esse tipo de relato do mundo objetivo tem um valor para além das necessidades orgânicas do capital, visto que seria adverso a ele, sendo a antecipação de uma outra sociabilidade.

A orientação ideológica subjetiva e a adesão a uma perspectiva política definem um modo de noticiar, é um pressuposto ideológico e ontológico que se relaciona com um compromisso ético. Mas, para isso, coloca-se o desafio da organização coletiva desses jornalistas, congregados a outros trabalhadores, pela luta (nas mais diversas mediações) pela construção de um outro motor social para além do capital. O controle da produção pelos jornalistas e também as trincheiras nos diversos espaços e brechas dadas nos aparelhos privados de hegemonia (em especial a própria imprensa) pode ser uma tática importante nesse percurso. Tal resistência deve tocar também as bases estruturais do metabolismo do capital, bem como enfrentar as diretrizes capitalistas das plataformas digitais. Para esse fim, coloca-se em destaque a demanda de se forjar uma “personalidade que é capaz de se compreender como parte atuante do processo de constituição do mundo humano, percebendo-o não como uma matéria inerte que lhe oferece resistência, mas como material a ser plasmado” (Albinati, 2014, p. 272).

Por tudo que tratamos até aqui, o tipo de jornalismo que a realidade histórica necessita precisa estar atento em expressar a conexão dialética entre fenômeno e essência, precisa estar voltado a descortinar a realidade reificada do capitalismo e garantir uma leitura do singular jamais desconectada da particularidade e da universalidade - que está enraizada na lógica societal do modo de produção capitalista. Leva em conta a subjetividade e as motivações ideológicas, mas as percebe como dialeticamente relacionadas à objetividade social, apostando que é possível um conhecimento cristalizado no singular que não se equipara a um panfleto político de agitação e propaganda. Humanista, o jornalismo crítico-emancipatório tem clareza de que a

consciência social é produto do ser social, e que fazemos história, mas sob condições que não escolhemos (MARX, 2011a).

Genro Filho (2012) entende a produção e reprodução social como autoprodução humana e vislumbra a subjetividade como algo real e ativo “uma dimensão constituinte da sociedade” (p. 21). Para o autor, as determinações subjetivas têm solo nas dinâmicas de uma totalidade em vias de objetivação. O jornalismo enquanto conhecimento pode revelar as contradições da realidade social. “O material do qual os fatos são constituídos é objetivo, pois existe independente do sujeito. O conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos” (GENRO FILHO, 2012, p. 195). É o movimento da práxis que revela, como critério da verdade, as processualidades e as dinâmicas do real, afinal, o sujeito produz objetividades e é produzido dialeticamente por elas.

Os pressupostos ideológicos e ontológicos que vão orientar a construção e a apreensão do fato jornalístico podem estar alicerçados na perspectiva de uma cosmovisão oposta às ideologias burguesas e também as irracionistas e sim a favor de uma ideologia emancipatória. Realmente insurgente, essas ideias críticas que visam modificar o todo social orientam-se - enquanto horizonte político radical (mas necessário) - a dismantelar o capitalismo racial patriarcal.

Parafrazeando Kohan (2007), o jornalismo crítico-emancipatório acredita ser impossível separar artificialmente o sistema patriarcal da dominação de classe, a opressão dos povos colonizados e as populações indígenas dos grandes projetos econômicos de expansão do capital internacional, o racismo do colonialismo imperial, a destruição do meio ambiente da incontabilidade do sistema de reprodução sócio metabólica do capital. Dean (2021) comenta que a visão de que a luta emancipatória radical comunista seria branca e europeia omite lutas históricas em países como Índia, China, Argélia, Cuba, Guiné-Bissau, Palestina, Angola, Vietnã, Coreia, Filipinas, Irã, Estados Unidos, Iêmen... O jornalismo crítico-emancipatório pode ser uma fagulha em princípios de subjetivação radicalmente transformadores, perseguindo um legado histórico das lutas de classes anticoloniais, antirracistas, contra o patriarcado e o capitalismo.

REFERÊNCIAS

Albinati, A.S. Lukács: **A perspectiva ética no realismo crítico**. In: Vaisman, E.& Vedda, M. (Org.). Arte, filosofia e sociedade (p. 257-274). São Paulo: Intermeios, 2014.

Bensaïd, D. **Marx**: manual de instruções. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

Dean, Jodi. **Camarada**: um ensaio sobre pertencimento político. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

Dean, J. **Multidões e partido**. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.

Genro Filho, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

Harvey, D. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.

Hirst, M. **News 2.0**. Can journalism survive the internet? Sydney, Australia: Allen & Unwin, 2011.

Karam, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

Kohan, Néstor. **A herança do fetichismo e o desafio da hegemonia em uma época de rebeldia**. Revista Novos Rumos, n. 48, ano 22, 2007.

Lukács, G. **Introdução a uma estética marxista**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

Marx, Karl. **18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011a.

Marx, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

Mészáros, I. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo, 2004.

Pontes, F. S. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.